

Eixo Temático: Educação Não-Formal

ET-08-003

EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: POSSIBILIDADES DIDÁTICAS PARA LICENCIANDOS EM BIOLOGIA

Filipe Henrique Cabral de Albuquerque^{1*}, Geryticia Ledyanne de Santana Santos¹, Micheline Barbosa da Motta²

¹Licenciando(a) do Curso de Ciências Biológicas. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). *E-mail: filipe.bio.educa@gmail.com.

²Docente no Centro de Educação - UFPE.

<http://dx.doi.org/10.21472/congrebio2016.et-08-003>

RESUMO

Ações de educação em saúde devem ser desenvolvidas nas escolas e são fundamentais para uma formação integral das crianças e adolescentes. Nesse trabalho apresentamos a vivência de uma oficina didática sobre educação em saúde com os licenciandos em Ciências Biológicas durante a disciplina Estágio em Ensino de Biologia 1. Durante sua elaboração, a oficina foi planejada para que houvesse maior interação por parte dos alunos, buscando tornar o aprendizado significativo e evitando a monotonia de uma aula expositiva com transmissão unilateral de conhecimento. A partir da observação dos alunos durante a oficina, destacamos suas reações no decorrer da mesma e pudemos notar grande entusiasmo em trabalharmos este tema, mas ao mesmo tempo pudemos perceber algumas dificuldades pontuais durante a oficina. Estes resultados indicam que a discussão sobre o papel do professor de ciências como educador em saúde na escola é urgente e necessária e que é essencial debater tal aspecto na formação desses profissionais, além de nos permitir entender a importância desta vivência para um trabalho docente mais consistente e significativo.

Palavras-chave: Formação docente; Espaços não-formais; Educação em saúde.

INTRODUÇÃO

De acordo com Carvalho e Motta (2014, p. 1495), “a educação não se faz somente na escola”. As autoras comentam que os espaços educativos não escolares, no que tange a área das ciências, passaram a ter mais importância na proporção em que aumentava o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade, bem como, crescia a necessidade de “alfabetizar” cientificamente as diferentes classes sociais. Com efeito, ao atingirem um público bastante heterogêneo, os espaços não formais possuem modos específicos de se relacionar com os conteúdos escolares de ciências e biologia, desenvolvendo ações voltadas para a popularização dos conhecimentos científicos, o esclarecimento sobre questões de saúde e dos riscos socioambientais e consequentemente prestam serviços ainda não alcançados pelo poder público. É nesse contexto que ressaltamos a necessidade de considerarmos os mais diferentes espaços sociais de educação como contextos formativos para os alunos da licenciatura.

Barzano (2008), afirma que devemos considerar como espaços para a realização do estágio docente não apenas a escola, mas também oportunizar aos licenciandos experiências nos espaços não formais de ensino. No entanto, não seria no sentido de ocupar ou substituir o papel educativo da escola, mas com o objetivo de favorecer a partilha de diferentes práticas de um novo tempo e suas novas demandas.

Em pesquisa realizada por Vieira et al. (2005), em que as autoras avaliaram quantitativamente a aprendizagem de conteúdos de ciências com alunos das séries finais do

ensino fundamental participantes de uma aula em espaço não-formal, percebeu-se o quanto essa aula foi importante na compreensão dos conteúdos abordados, além de ter sido definida pelos estudantes como estimulante. Assim, os dados sugeriram que, se bem direcionadas, as atividades nos espaços não-formais de ensino podem ser fortes aliadas das aulas formais na escola.

Nesse sentido, o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), através da disciplina de Estágio em Ensino de Biologia 1 (EEB 1) associada a um projeto de extensão, tem promovido iniciativas que visam estabelecer uma aproximação entre o discurso e as práticas vivenciados nos espaços não formais e as atividades de ensino realizadas na escola (CARVALHO e MOTTA, 2014).

Na disciplina de EEB 1, os alunos são encaminhados para instituições campo de estágio que desenvolvem atividades educativas não formais, com os objetivos de: (1) propiciar experiências educativas não-escolares, ampliando a percepção sobre o campo de atuação do biólogo licenciado; (2) favorecer a abordagem mais contextual e humanizada dos conteúdos de aprendizagem em ciências e biologia; (3) estimular a reflexão sobre possibilidades e desafios da educação em ciências e biologia em espaços não escolares e; (4) promover ações educativas junto às instituições parceiras atendendo as suas demandas socioambientais.

Tomando como base as linhas de pesquisa apresentadas pelos congressos da área de ensino de ciências e biologia, a disciplina de estágio buscou agrupar as diferentes instituições em eixos temáticos como (1) educação ambiental; (2) educação Inclusiva; (3) popularização da ciência e (4) educação em saúde. Dentre eles, destacamos o eixo temático a educação em saúde no qual atuamos como colaboradores na formação inicial de grupos de alunos cujo campo de estágio são as brinquedotecas hospitalares através de um projeto de extensão vinculado a disciplina de EEB 1.

Para Zancul e Gomes (2011, p. 49), as “ações de educação em saúde devem ser desenvolvidas nas escolas e são fundamentais para uma formação integral das crianças e adolescentes”. No entanto, ao analisarem o currículo do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Brasília (UnB) e ouvirem alunos do último semestre da graduação, os resultados mostraram que nenhuma das disciplinas oferecidas na licenciatura trazia orientações de como trabalhar as questões da educação em saúde na escola. Os autores identificaram que os licenciandos tinham pouca ou nenhuma formação para trabalhar essas questões na sala de aula mesmo sendo a saúde um tema transversal previsto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e que deveria estar presente no currículo da formação inicial do professor. Zancul e Gomes (2011) apontam para o papel de educador em saúde a ser assumido pelo professor de ciências e biologia e para a urgência e pertinência do debate sobre as ações de promoção de saúde na escola durante a formação desses profissionais.

De acordo com Mohr e Schall (1992), os professores não são adequadamente preparados para abordarem questões de saúde nas suas aulas, o que piora com a baixa qualidade de grande parte dos livros didáticos que circulam no mercado e pela escassez de materiais alternativos que discutam o tema. Adicionalmente, uma avaliação comparativa entre a década de 90 e os anos 2000 revelou que a situação do ensino de saúde nas escolas não mudou muito, havendo ainda uma abordagem predominantemente centrada nos aspectos biológicos relativos à transmissão das doenças, seus ciclos, sintomas e prevenção (ZANCUL e GOMES, 2011).

Na tentativa de apresentar estratégias educativas no campo da saúde, buscamos inserir esse novo campo de estágio para os licenciandos em biologia e assim sensibilizá-los para os riscos socioambientais aos quais a maioria da população está submetida e que fragilizam sua saúde.

Em contrapartida, acreditamos que ao expandir a área de atuação docente, os sujeitos atendidos pelas ações educativas não serão só os alunos do ensino básico, mas também outros segmentos da sociedade, como os pacientes internados em hospitais sem acesso à educação escolar, o que reforça a concepção ampliada da docência.

Para tanto a disciplina de EEB 1 prevê além da carga horária no campo de estágio, momentos de formação em sala de aula nos quais há discussões teóricas sobre a educação não

formal e o ensino de ciências e biologia, bem como oficinas didáticas dos diferentes eixos produzidas pelos extensionistas sob a supervisão da professora orientadora da disciplina. Desse modo, apresentaremos neste relato as (re)ações produzidas na oficina de educação em saúde cujo intuito foi de favorecer uma maior contextualização e humanização na abordagem dos conteúdos científicos a serem trabalhados em sala de aula pelos licenciandos.

OBJETIVO

Analisar como a oficina de Educação em Saúde pode colaborar para o melhor uso de estratégias e recursos na abordagem dos conteúdos de saúde e corpo humano na escola e em outros ambientes educativos.

METODOLOGIA

As atividades aqui apresentadas foram desenvolvidas durante a disciplina de Estágio em Ensino de Biologia 1 (EEB 1), componente curricular da Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco. A oficina foi realizada durante uma das aulas, como forma de apresentação do eixo temático Educação em Saúde aos alunos.

Durante sua elaboração, a oficina foi planejada para que houvesse maior interação por parte dos alunos, buscando tornar o aprendizado significativo e evitando a monotonia de uma aula expositiva com transmissão unilateral de conhecimento. A oficina foi dividida em três etapas, das quais descreveremos a seguir.

Antes de iniciarmos a oficina, realizamos uma recepção da turma utilizando gestos afetuosos, como abraços, apertos de mão e carinho no rosto. Esses gestos foram feitos com as mãos sujas de *glitter*, para que em outro momento fosse trabalhado o tema higiene, sendo este primeiro contato físico da recepção retomado para uma discussão posterior. Ainda durante a recepção, cada aluno recebeu um brinquedo para ser utilizado em uma dinâmica no final da oficina. A sala também foi caracterizada como uma brinquedoteca, com alguns desenhos infantis colados nas paredes.

Posteriormente, foi realizada uma brincadeira denominada “Hora da balada”, onde foram discutidas questões sobre o uso de métodos contraceptivos e as infecções sexualmente transmissíveis. Cada aluno recebeu um pedaço de papel com um código em forma de um círculo, um quadrado ou um triângulo, sem que eles soubessem o significado de cada um deles. Pedimos que eles caminhassem e dançassem na sala enquanto tocava uma música, e quando a música parasse, eles tinham que formar um par e desenhar em seus papéis o que havia no papel de seu respectivo par. Depois de alguns minutos repetindo esta etapa da brincadeira, dissemos o que significava cada símbolo: o quadrado representava uma relação sexual sem camisinha; o círculo, uma relação sexual com camisinha e o triângulo, uma pessoa contaminada com uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST). A partir daí foi gerada uma discussão sobre o que a simulação feita na brincadeira representa em relação à vida das pessoas.

Em seguida, foi realizada uma roda de conversa sobre as formas de se abordar o tema Higiene em diferentes faixas etárias, tomando como pontapé inicial o uso do *glitter* antes do início da oficina.

Depois das duas atividades iniciais, a oficina teve um momento teórico com a explanação de conceitos que envolvessem o tema Educação em Saúde, como: o conceito de saúde e educação em saúde, o sistema de saúde e a escola como promotores de educação em saúde, educação em saúde em ambientes educativos não-escolares e brinquedotecas.

Após a parte teórica, foram apresentadas as instituições campos de estágio do referido e os projetos de ação colaborativa realizados em períodos anteriores por outros grupo de alunos.

Para finalizar, a turma foi dividida em cinco grupos e juntaram seus brinquedos recebidos no início da oficina para tentar identificar o potencial de cada brinquedo como instrumento de ensino de ciências e biologia. Por fim, as ideias dos grupos foram socializadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da observação dos alunos durante a oficina, destacamos suas reações no decorrer da mesma.

Durante a dinâmica “Hora da Balada”, os alunos se mostraram entusiasmados durante toda a brincadeira e participaram bastante da discussão sobre a importância do uso de preservativo durante as relações sexuais. Discutiram também o potencial da brincadeira para trabalhar o mesmo tema com outros públicos, buscando sempre a adequação à idade do grupo-alvo, bem como, o uso da dinâmica para levantar questões sobre outros conteúdos de ciências como o abuso sexual, transmissão de doenças, dentre outros.

Ao observarmos o resultado positivo desta dinâmica é possível sugerir-la como um excelente instrumento didático a ser usado com o público jovem. Como aponta Rodrigues e Fontes (2002) este grupo encontra-se, por falta de conhecimento, em vulnerabilidade no que se refere ao início precoce da vida sexual, a gravidez indesejada e a contaminação com infecções sexualmente transmissíveis. No entanto, o autor pontua também o papel da escola enquanto espaço que deve proporcionar discussões acerca deste tema, com o intuito de empoderar os jovens para uma vida sexual responsável.

Neste sentido, pensamos ser importante também estender esta prática para outros ambientes educativos, partindo da ideia de multiplicidade de espaços que podem contribuir para a geração de conhecimento.

Em um segundo momento da oficina, durante a abordagem do tema Higiene a partir do uso de *glitter*, os alunos sentiram dificuldade em discorrer sobre a relação que buscamos estabelecer entre o tema e o *glitter*. Depois que esclarecemos tal relação, os alunos contaram sobre as dificuldades em se trabalhar temas do mundo invisível a olho nu, bem como as dificuldades enfrentadas pelos alunos de ensino fundamental e médio para o entendimento destes conteúdos, que parecem abstratos para eles.

Para Azevedo e Sodré (2014), a microbiologia   um ramo da biologia que apresenta uma gama de conteúdos de caráter microscópicos, sendo necessário um alto nível de abstra o para compreendê-los. Sendo assim, pensamos que a discussão gerada no segundo momento da oficina contribuiu para que os alunos pudessem perceber a existência de diferentes abordagens sobre os conteúdos envolvidos no tema Higiene, como o estudo das bactérias, vírus e fungos, tão importante às aulas de ciências, bem como as interven es educativas no espaço hospitalar.

Por fim, no momento em que solicitamos que os alunos identificassem o potencial dos brinquedos como instrumentos para o ensino de ciências e biologia, eles se mostraram críticos nesta tarefa e demonstraram rela es de alto valor didático, como o ensino do sistema urogenital e educa o sexual a partir de bonecas e bonecos; o ensino de nutri o e alimenta o saudável a partir de pain es e utensílios de cozinha de brinquedo e questões referentes ao sistema locomotor e aos problemas posturais decorrente do mal uso de bolsas e mochilas presentes no rol de brinquedos de uma ludoteca. Esta última parte da oficina foi de suma importância principalmente para os alunos que atuam em brinquedotecas, visto que estas apresentam brinquedos aleatórios que podem ser transformados em instrumentos didáticos para o ensino de diferentes conteúdos de ciências e biologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que a discussão sobre o papel do professor de ciências e biologia como educador em saúde na escola   urgente e necessária, e   essencial debater tal aspecto na forma o desses profissionais. A licenciatura que incorpora essa perspectiva em sua grade curricular tende a formar educadores humanizados e melhor capacitados para diferentes espaços educativos. Sendo assim, o contato primário com institui es que instigam o desenvolvimento de aptidões voltadas para a educa o em saúde   de grande relevância para o desempenho desses futuros professores em sala.

Tendo a brinquedoteca hospitalar como espaço de educação não formal, observa-se que cada brinquedo tem um potencial específico para o ensino de ciências, e fazer com que o licenciando descubra esse potencial prepara-o para algo que transcende a sala de aula.

Nossa vivência na oficina que trata deste tema e dos alunos participantes da mesma durante a graduação é uma situação didática que enriquece nosso trabalho docente, tornando-o mais consistente e significativo.

Por fim, consideramos que as experiências em espaços formativos não formais devem consideradas não somente na grade curricular da licenciatura em biologia, mas nos diversos cursos de formação de professores.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, T. M.; SODRÉ, L. Conhecimento de estudantes da educação básica sobre bactérias: saber científico e concepções alternativas. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, v.4, n. 2, p. 22-36, 2014.

BARZANO, M. A. L. Educação não-formal: Apontamentos ao Ensino de Biologia. **Ciência em Tela**, vol. 1, no. 1, 2008.

CARVALHO, D. A.; MOTTA, M. B. Ambientes educativos não escolares como campo de estágio para licenciandos em Biologia. **Revista da SBEnBIO**, n. 7, p. 1495-1505, 2014.

MOHR, A.; SCHALL, V. Rumos da educação em saúde no Brasil e sua relação com a Educação Ambiental. **Cad. Saúde Públ.**, v. 8, n. 2, p. 199-203, 1992.

RODRIGUES, I. T.; FONTES, A. Identificação do papel da escola na educação sexual dos jovens. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 7, n. 2, p. 177-188, 2002.

VIEIRA, V.; BIANCONI, M. L.; DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Rev. Cienc. Cult.** v. 57, n. 4, 2005.

ZANCUL, M. S.; GOMES, P. H. M. A formação de licenciandos em Ciências Biológicas para trabalhar temas de educação em saúde na escola. **REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 4, n. 1, p. 49-61, 2011.